

**INTERTEXTUALIDADE E DIALOGISMO NA MILITÂNCIA  
FEMINISTA MARXISTA: UMA ANÁLISE (HIPER)TEXTUAL  
DE UM POST DE FACEBOOK<sup>12</sup>**

Amanda de Macedo Moura Couto (UESB)  
[amandamoura229@gmail.com](mailto:amandamoura229@gmail.com)

Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)  
[marciahelenad@yahoo.com.br](mailto:marciahelenad@yahoo.com.br)

Filipe Santos Guerra (UESB)  
[filipe.guerra16@gmail.com](mailto:filipe.guerra16@gmail.com)

**RESUMO**

Consoante Bakhtin (2016), a finalidade da língua é a interação, que ocorre por meio de gêneros do discurso, isto é, por “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os quais fazem parte de determinado campo da atividade humana. Baseado nos postulados bakhtinianos, Marcuschi (2008) assegura que, a partir do século XXI, a tecnologia vem ocasionando a emergência de novos gêneros. Nesse sentido, o *locus* da presente pesquisa é o *post* do *Facebook*, gênero discursivo digital que (hiper)textualiza discursos condicionando distintos aportes sógnicos a sua superfície textual por meio da multimodalidade. Isso posto, objetiva-se, neste artigo, analisar elementos intertextuais e nuances dialógicas em um *post* de temática feminista marxista, assunto bastante discutido nessa interface digital, o que se justifica pelo fato de ainda haver um grande problema de sexismo institucionalizado a se resolver, como afirma Hooks (2020). O aporte teórico-metodológico que embasou este trabalho se assenta nos postulados de Bakhtin (2015; 2016), Volóchinov (2018), Kristeva (1967) e Koch, Bentes e Cavalcanti (2012). No *post* analisado, foi possível verificar como se dão alguns processos de intertextualidade nesse gênero discursivo digital, bem como seus tipos e, ainda, a posição sócio-histórica-ideológica (feminista marxista ou não) dos agentes envolvidos tanto na publicação quanto na interação com o *post*.

**Palavras-chave:**

Dialogismo. Intertextualidade. Gênero *Post* de *Facebook*.

**ABSTRACT**

According to Bakhtin (2016), the purpose of language is interaction, which occurs through speech genres, that is, through “relatively stable types of utterances”, which are part of a certain field of human activity. Based on Bakhtinian postulates, Marcuschi (2008) assures that, from the 21<sup>st</sup> century, technology has been causing the emergence of new genres. In this sense, the locus of this research is the Facebook post, a digital discursive genre that (hyper)textualizes speeches by conditioning different signical contributions to their textual surface through multimodality. That said, the aim of this article

<sup>12</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessa instituição.

is to analyze intertextual elements and dialogical nuances in a post on a Marxist feminist theme, a topic that is widely discussed in this digital interface, which is justified by the fact that there is still a major problem of institutionalized sexism to resolve itself, as stated by Hooks (2020). The theoretical-methodological contribution that supported this work is based on the postulates of Bakhtin (2015; 2016), Volochinov (2018), Kristeva (1967) and Koch, Bentes and Cavalcanti (2012). In the analyzed post, it was possible to verify how some intertextuality processes occur in this digital discursive genre, as well as their types and also the socio-historical-ideological position (Marxist feminist or not) of the agents involved both in the publication and in the interaction with the post.

**Keywords:**

**Dialogism. Intertextuality. Facebook post genre.**

### **1. Considerações iniciais**

De acordo com o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2016), sempre nos comunicamos por meio de enunciados. O autor afirma que o uso da língua é versátil e encontra-se sustentado por três pilares, quais sejam: i) estilo; ii) estrutura composicional; e iii) conteúdo temático dos enunciados. Esses pilares se associam aos variados e diversos campos da atividade humana de tal forma que esses enunciados são organizados como *tipos relativamente estáveis*, chamados pelo teórico de *gêneros do discurso*.

Ao discutir a estabilidade “relativa” dos gêneros discursivos, Bakhtin (2016) teoriza que os gêneros são abertos a variações, dado que suas formas são mais plásticas que as formas da língua. Contudo, vale ressaltar a advertência do autor quanto a essa dinamicidade genérica: ainda que mutáveis, segundo ele, os gêneros não são produtos individuais, uma vez que, para serem (re)conhecidos, eles precisam resgatar certas formas deliberadas nos campos de atividade humana em que circulam. Não obstante, também se faz necessário que eles se submetam a algumas disposições (im)postas pelo contexto sócio-histórico e discursivo que cerceiam as pessoas que (inter)agem naquela atividade enunciativa singular.

Isso posto, hodiernamente, os desenvolvimentos tecnológicos digitais têm possibilitado avanços, tanto na sociedade de modo geral quanto na linguagem, sob a qual as maneiras de interação, entretenimento e produção de conteúdos vem tomando novas formas. Nesse ínterim, a *internet* tem se mostrado um ambiente muito propício para o enriquecimento de práticas de linguagem, pois sua expansão propicia o surgimento de gêneros discursivos cada vez mais híbridos e com semioses múltiplas, os quais Xavier (2009) denomina de *gêneros digitais*.

Dito isso, é nesse ambiente virtual, no qual os discursos se *(hi-per)textualizam*, que se encontra o *locus* da nossa investigação, qual seja: um *post* da rede social *Facebook*. Este pode ser definido como um gênero discursivo digital com base nos três pilares bakhtinianos citados anteriormente, como podemos verificar abaixo:

- 1) *estilo*: os usuários do *Facebook* lançam mão de sortidos recursos multimodais para conferir sentido as suas publicações, e é exatamente essa característica que marca o estilo desse gênero: em uma publicação de *Facebook*, o que importa, além do que é dito pelo texto, são as táticas textual-discursivas efetivadas pelo autor da postagem para atingir os seus objetivos interacionais;
- 2) *estrutura composicional*: os usuários do *Facebook* se subordinam às propriedades organizadoras dessa plataforma digital que virtualiza discursos. A orientação da (inter)ação comunicativa, no *Facebook*, se dá por intermédio dos recursos que essa interface disponibiliza ao seu usuário quando este resolve criar um *post* em seus domínios. Como exemplos de alguns desses recursos, podemos citar caixas de texto, *emojis* e temas (fundos coloridos e ilustrados) para que o *post* se destaque no *feed* de notícias;
- 3) *conteúdo temático*: através de um *post* de *Facebook*, diversos “temas” podem ser (hiper)textualizados, o que gera discussões de acordo com a vontade discursiva individual do usuário dessa rede social. Essa vontade nasce em suas práticas; e
- 4) sociais e, portanto, o conteúdo temático vai além da simples noção de “assunto”, dado que valores sociais e discursos socio-historicamente elaborados interpelam o sujeito ao longo de um evento enunciativo.

Direcionando o nosso olhar para esses três pilares genéricos, em especial para o *conteúdo temático*, e tendo em vista que o *Facebook* é uma rede social extremamente popular (a nível mundial), podemos sustentar que seus *posts* têm a capacidade de contribuir substancialmente para o ativismo virtual sobre diferentes problemáticas sociais. Assim sendo, decidimos, neste artigo, analisar uma publicação que se refere ao *feminismo* – pauta que gera bastante discussão na contemporaneidade e suscita muitas questões (dentro e fora dos domínios digitais).

Conforme Hooks (2020, p. 161), o feminismo é um movimento: “(...) para acabar com sexismo, dominação e opressão sexistas, é uma luta que inclui esforços para acabar com a discriminação de gênero e para criar igualdade, é um movimento fundamentalmente radical”, mas sabemos que, para além do ideal de igualdade de gênero, existem muitas outras pautas a serem tratadas e muitas nuances nessa militância. Portanto, tendo em vista os sortidos feminismos existentes, escolhemos lançar um olhar, especificamente, para a vertente *classista*, aliada ao *marxismo* (corrente sociológica, filosófica e política da qual partem muitos estudiosos do Círculo de Bakhtin).

Nesse viés, Gonçalves (2013), em artigo publicado na obra *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, de Saffioti (1969), destaca que, para a autora, não existe um feminismo autônomo, desvinculado de uma perspectiva de classe. Assim sendo, o cenário da questão de gênero decorre, então, de um efeito dessa sociedade de classes. Por conseguinte, mesmo que o capitalismo se desvele maleável e suscetível a mudanças, ele não oferece possibilidades plenas de integração social feminina.

Em vista disso, nessa pesquisa, temos como principal objetivo analisar um *post* de *Facebook* ligado diretamente à militância feminista marxista. A partir de nossas áreas de pesquisa, a saber, a *Linguística de Texto* e a *Análise Dialógica do Discurso*, pretendemos, sobretudo, evidenciar e discutir o funcionamento do *dialogismo* e da *intertextualidade* nos (hiper)textos publicados na rede social *Facebook* a partir da amostra em questão.

Ressaltamos que, conforme asseveram Koch, Bentes e Cavalcante (2012), todo texto é um objeto heterogêneo que deixa transparecer uma relação de seu interior com seu exterior. Logo, considerando a amplitude do mundo virtual e a proliferação de gêneros emergentes, conforme Marcuschi (2003), bem como as assertivas de Xavier (2009) acerca da pluri-textualidade dos hipertextos, buscamos, a partir desse aporte teórico-metodológico, deslindar as facetas intertextuais asseveradas por Koch, Bentes e Cavalcante (2008) – quais sejam: a intertextualidade *stricto sensu*, marcada pela necessária presença de um intertexto; e a intertextualidade em sentido amplo<sup>13</sup>, *lato sensu*, constitutiva de todo e qualquer discurso – na supracitada postagem.

---

<sup>13</sup> Destacamos que, conforme Fiorin (2018), qualquer relação dialógica que se trata de uma relação de sentido denomina-se *interdiscursiva*. Assim sendo, para o autor, o termo *inter-*

Não obstante, levando em conta que, para o Círculo de Bakhtin, a língua é uma forma linguística que reflete e, simultaneamente, refrata não somente a realidade, mas também as interações dos falantes, consideramos, consoante Volóchinov (2018), que os signos possibilitam aos sujeitos a capacidade de indicar uma realidade que lhes é manifesta a partir de suas interpretações. Nesse sentido, como a língua constitui sentidos conforme a situação de interação comunicativa, buscamos, neste artigo, mostrar, por meio das análises, que a palavra é um fenômeno tanto ideológico quanto social, e que isso é bastante notório em um *post* de militância feminista, principalmente quando usuários do *Facebook* se engajam com ele.

Diante do exposto, na seção a seguir, trataremos com mais detalhes das teorias que apontarão teórico-metodologicamente este artigo. Feito isso, apresentaremos a análise e discussão do nosso *corpus*, e, por fim, faremos as nossas considerações (não) finais sobre o que, de fato, encontramos ao analisar um *post* de *Facebook* adotando essa perspectiva.

## **2. As tonalidades dos conceitos de intertextualidade e de dialogismo**

Iniciamos esta seção salientando que, diferentemente dos trabalhos que se dedicam à caracterização do hipertexto e atribuem a ele uma inerente intertextualidade, haja vista que um texto leva a outro texto, conforme asseveram Araújo e Lobo-Sousa (2009), faremos distinções. Primeiramente, faz-se necessário pontuar que trabalharemos com o hipertexto virtual – o qual é característico da textualidade –, e não com a *hyperlinkagem* – que diz respeito a características do hipertexto. Entendemos que um hipertexto não necessariamente é um intertexto, pois a sobreposição de textos não garante a intertextualidade no hipertexto.

Em segundo plano, salientamos que o nosso interesse com a seguinte pesquisa não é de somente apoiarmo-nos em postulados bakhtinianos para asseverar que todo enunciado advém de outros enunciados já produzidos e que, logo, todo texto é um intertexto (até porque, Bakhtin e

---

*textualidade* é utilizado apenas nos casos em que a relação discursiva se materializa nos textos. Isso posto, a intertextualidade seria o *interdiscurso restrito*; já a relação dialógica não manifesta no texto seria *interdiscursividade* e não *intertextualidade*. Apesar dessa ressalva, como nosso aporte teórico para tratar de intertextualidade é baseado em Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e as autoras optaram por utilizar as terminologias *intertextualidade stricto sensu* e *intertextualidade lato sensu*, manteremos a nomenclatura adotada por elas.

seu Círculo nunca trataram da noção de intertextualidade propriamente dita). Diferente disso, tencionamos explicitar que a situação comunicativa afeta o sentido do signo e, desse modo, ele torna-se um organismo vivo e dialógico, carregando consigo discordâncias, contraposições e choques de princípios sociais.

Feitas essas considerações, pontuamos, assim como na seção anterior, que para verificar os tipos de intertextualidade existentes no *post* de *Facebook* que analisaremos, utilizaremos as proposições de Koch, Bentes e Cavalcanti (2012).

Isso posto, em se tratando da intertextualidade *stricto sensu* (ou apenas *intertextualidade*), as referidas autoras definem-na como sendo a ocorrência de uma inserção de um texto anteriormente produzido em outro texto, que é parte tanto de uma memória social coletiva quanto de uma memória discursiva individual. Nesse âmbito, é possível identificar, ainda, a *intertextualidade temática*, a *intertextualidade estilística*, a *intertextualidade explícita* e a *intertextualidade implícita* (dentro da qual está, ainda, o *détournement*). Discorreremos, de modo geral, sobre cada uma delas nas linhas abaixo.

Conforme Koch, Bentes e Cavalcanti (2012), a *intertextualidade temática* diz respeito a textos produzidos dentro de um mesmo campo, seja este campo uma área do saber ou uma corrente de pensamento. Assim sendo, seus conceitos, nomenclaturas, terminologias são próprias e já definidas.

A *intertextualidade estilística*, por sua vez, não está relacionada à forma, mas à paródia, imitação ou repetição voluntária, por parte do autor, de estilos variados de outros textos em determinada produção textual, ou seja, trata-se da reprodução da linguagem de textos (como o texto bíblico, por exemplo).

Em relação à *intertextualidade explícita*, esta se faz presente na ocorrência de marcas claras de citação de outros textos, isto é, quando se evidencia a fonte do intertexto a outro enunciador, o que pode ser demarcado por meio de citações, referências, resumos, traduções etc.

Ainda nesse sentido, tem-se a *intertextualidade implícita*, que, ao contrário da explícita, como a própria nomenclatura já pronuncia, diz respeito à presença do intertexto em um texto, sem, no entanto, qualquer marca explícita da fonte, o que pode vir em forma de *captação* (quando paráfrases são mais próximas do texto-fonte) ou *subversão* (quando, do

contrário, reformulações ou apropriações são feitas a partir do texto-fonte). Aqui, em ambas as circunstâncias, a identificação deste intertexto depende da ativação da memória discursiva do leitor/ouvinte. É o caso, a título de exemplo, das paráfrases ou até mesmo do plágio.

O *détournement*, por seu turno, é uma outra presença intertextual relativa à substituição, acréscimo, supressão ou transposição de unidades da língua em um texto. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) elencam alguns tipos de *détournement*, a saber: *détournement* de provérbios; *détournement* de textos ou títulos de textos literários; *détournements* de hinos e canções populares; e *détournements* de fábulas tradicionais. Segundo as autoras, o *détournement* tem sempre valor argumentativo, em grau maior ou menor, e existem também casos de intertextualidade implícita sem *détournement*, quando, a partir do texto original, se constrói um novo texto, que se insere em um outro contexto, permitindo a construção de novos sentidos.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) discorrem, também, acerca da *intertextualidade intergenérica* e *intertextualidade tipológica*. A primeira, basicamente, consiste na presença de gêneros pertencentes a determinadas situações comunicativas dentro de outras, como é o caso, por exemplo, de uma fábula em coluna opinativa de jornal, utilizada, geralmente, como recurso satírico. Já a intertextualidade tipológica equivale não aos gêneros discursivos, mas aos tipos de texto — narrativo, descritivo, expositivo etc., e à identificação das estruturas e propriedades que são características de cada um deles.

Por último, mas de nenhum modo menos importante, as autoras discorrem, também, acerca da intertextualidade *lato sensu*, que, grosso modo, diz respeito à intertextualidade em sentido mais amplo, na qual retoma-se, por exemplo, a ideia de que todos os textos se constroem como um “mosaico de citações”.

Isso posto, a intertextualidade pode manifestar-se de diferentes maneiras, nas mais diversas ocorrências linguísticas, o que nos entrega uma riqueza de dados no que diz respeito aos tipos de relações intertextuais existentes em um texto multimodal, como é o caso de um *post* de *Facebook*. Além disso, Azevedo e Pereira (2021), em uma análise de hipertextos do gênero digital *tweet*, constataram que as diferentes categorias de intertextualidade se dão de forma multissemiótica, o que indica que esse fenômeno não se restringe a aspectos verbais, dado que nos confere ainda mais possibilidades de discussão.

Por outro lado, no que se refere ao dialogismo – conceito que também pretendemos pormenorizar a partir da análise de uma postagem da rede social em questão –, tomaremos como base teórica os escritos de Bakhtin e seu Círculo. Segundo Bakhtin (2016), a comunicação humana se concretiza na enunciação (noção que ele entende, grosso modo, como a interação verbal entre sujeitos), cuja manifestação se dá por meio dos gêneros discursivos; ou seja, o enunciado se materializa sempre direcionado a alguém, ao outro, e, dessa maneira, o *dialogismo* é tido como o princípio da existência humana.

Em conformidade com Bakhtin (2016), Volóchinov (2018) postula que não é possível pensar o homem fora das *relações dialógicas*. Além disso, ele afirma que a comunicação verbal está ligada à situação concreta; assim, o discurso<sup>14</sup> só se efetiva no contexto sócio-histórico real, o qual tem o papel de atribuir valor e significado às palavras. Estas, por sua vez, não só carregam um conteúdo, mas também expressam opiniões, interpretações, juízos de valor, choques, concordâncias e contradições da sociedade.

Tendo isso em vista, é possível afirmar, a partir do que é defendido pelo Círculo de Bakhtin, que todo enunciado é uma resposta e, assim, sempre abarca a manifestação de uma aprovação ou de uma desaprovação: esse é o elo da comunicação sociocultural. Na visão de Volóchinov (2018), todo dizer é parte de uma discussão axiológica, ou, nos termos de Bakhtin (2018), todo dizer é *internamente dialogado*.

Assim, para que o discurso tenha sentido, as relações dialógicas são de extrema importância, pois, sem elas, o elo entre vida e linguagem é obliterado. É nesse sentido, considerando as relações dialógicas como relações de sentido firmadas entre enunciados, tomando não somente o evento da interação face a face, mas sim o todo da interação verbal, que vamos discutir o nosso *corpus*.

Feitas todas as considerações e ponderações acima acerca dos conceitos de *intertextualidade* (e seus variados tipos) e de *dialogismo*, partiremos, então, para a nossa seção de análise de dados, a qual segue abaixo.

---

<sup>14</sup> Considerando a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), adotada neste artigo, tomamos discurso, conforme Volóchinov (2019), como a concretude da língua, quando esta é utilizada por agentes sociais que estabelecem e representam suas posições valorativas na enunciação.

### 3. O post em evidência: diálogos intertextuais presentes em uma publicação feminista marxista

Apresentaremos, a seguir, a análise dos dados selecionados para o presente trabalho. Porém, antes disso, vale ressaltar que, no que diz respeito ao processo de geração do *corpus*, selecionamos um exemplar de um *post* do Facebook publicado na linha do tempo da página “Feminismo Marxista” (F.M), a qual conta com mais de 70 mil seguidores. Ao e-lermos a publicação em questão, utilizamos a ferramenta de captura de tela para transformá-la em uma figura passível de análise neste artigo.

Levando esse processo em consideração, vejamos, então, o *post* (figura 1) do perfil F.M:

Figura 1: “Feliz Dia das Crianças”



Fonte: Página *Feminismo Marxista* no Facebook<sup>15</sup>.

A *priori*, pode-se dizer que há, na foto que compõe o *post*, dois brinquedos: uma foice e um martelo. Contudo, esses dois “brinquedos”, sobrepostos, representam símbolos do *movimento comunista*. A simbologia da foice e do martelo foi criada durante o período da Revolução Russa, em 1918. Nessa época, os trabalhadores russos, liderados por Lênin, acreditavam que só seria possível a vitória do socialismo com a união das forças entre os trabalhadores camponeses e os operários, e, como assinala Colzani (2016), a maioria da população vivia no ambiente rural. Logo, a revolução dirigida pela classe operária só seria possível caso o trabalhador do campo também fosse ganho. Nesse ínterim, a aliança camponesa operária concretizou-se.

Assim sendo, a *foice* representava a **força dos camponeses** e o *martelo* representava a força dos **trabalhadores industriais**. Isso posto,

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/feminismomarxista/posts/2509175712660466/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

a união da foice e do martelo simbolizava a luta pelo fim da propriedade privada dos grandes meios de produção e, como aduz Colzani (2016), pelo fim da exploração do homem pelo homem. Em vista disso, é necessário que se conheça os símbolos supracitados para que se compreenda o intertexto presente na imagem.

Ademais, nessa sobreposição dos brinquedos/dos símbolos comunistas existe outro intertexto que pode (ou não) ser assimilado pelo internauta, qual seja: o Projeto de Lei nº 5358/2016, apresentado pelo atual Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC). Nesse Projeto, considera-se ato terrorista a *fomentação ao embate de classes sociais e o uso da foice e do martelo*. A proposta do deputado é de criminalizar a apologia ao comunismo, conforme Nobre (2017). Nesse ínterim, a compreensão do intertexto em questão, pelo internauta, pode suscitar essa relação dialógica que desvela um embate sociopolítico-ideológico.

Em ambos os casos, observa-se a intertextualidade *stricto sensu*, que ocorre quando um texto está inserido “em outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (...) dos interlocutores” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 17). A figura 1 remete, então, ao que as autoras denominam de *intertextualidade implícita*, pois o intuito da publicação do *post* em questão foi levar o internauta/leitor a ser capaz de reconhecer a presença dos intertextos para que, assim, pudesse construir sentido. Para tanto, faz-se necessário que haja a ativação do(s) texto(s) fonte(s) na memória discursiva dos usuários do *Facebook*, o que é passível de ocorrer, mas não é garantido.

Para além disso, em se tratando da descrição do *post*, existem outros intertextos que devem ser pontuados. Vejamos o conteúdo da descrição/legenda da postagem: *Meninas lêem Rosa / Meninos lêem Rosa / Feliz dia das crianças [sic]*. Primeiramente, devemos pontuar que a publicação é do ano de 2019 e, nesse mesmo ano, houve uma repercussão imensa acerca de um vídeo<sup>16</sup> em que a atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, logo após sua posse, afirmou que: “Menino veste azul e menina veste rosa”, fazendo uma clara associação entre a concepção binária de gênero e cores pré-definidas por uma cons-

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://twitter.com/i/events/1080859532836843520>. Acesso em: 17 fev. 2021.

trução social cis-heteronormativa, sexista e patriarcal. Para Vallim (2019, s/p):

A fala da ministra demonstra que a concepção do Ministério vai de encontro a tudo que tem sido discutido em relação aos estudos de gênero e diversidade. Para a Psicologia, essa discussão tem que ser feita pensando no direito à diversidade das expressões de gênero. Quando ela dá uma declaração dizendo que meninos devem usar azul e meninas rosa ela faz contraposição entre heteronormatividade e homonormatividade que não existe nos estudos de gênero. Esse discurso defende que a heteronormatividade é a única expressão normal e natural, fundamentada na ideia que sexo biológico deve determinar o gênero desde o nascimento, sem reconhecer as questões culturais e ideológicas envolvidas nesse processo.

Com isso, a visão da ministra estigmatiza as identidades de gênero e coíbe, assim, a liberdade dos sujeitos. Desse modo, notamos uma alusão à fala da ministra Damares na descrição do *post* da Figura 1. Contudo, notadamente, há uma crítica nessa sutil menção, haja vista que enquanto o capitalismo tenta regular a sexualidade e a condição do gênero biopsicossocial, o feminismo marxista quer libertá-las, conforme lembra Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019), quando destacam que a luta por libertação da sexualidade perpassa não só as formas de família procriadora e cis-heteronormativa, “mas também as restrições de gênero, classe e raça e das deformações do estatismo e do consumismo” (p. 73).

No que concerne ao cerceamento da liberdade, conteúdo presente na fala da ministra e que está sendo aludido na figura 1, verificamos, também, o contraponto disso com a presença da leitura de “Rosa”. Quando os administradores da página “Feminismo Marxista” asseveram que “Meninas lêem Rosa” e “Meninos lêem Rosa” [*sic*], possivelmente estão fazendo menção a Rosa Luxemburgo. Acerca da escritora em questão, Estefanía (2019) destacou:

Antimilitarista, defensora da democracia no seio da revolução, é considerada a dirigente marxista mais importante da história. Um século depois de sua morte, sua vasta produção teórica continua viva. (ESTEFANÍA, 2019, [s/p])

Rosa viveu em uma época em que as mulheres eram reprimidas; estudou na Universidade de Zurique, uma das poucas que aceitava mulheres. Ativista, símbolo de resistência, lutou pelas minorias e os oprimidos – trabalhadores e mulheres, especialmente, mas também por negros e judeus. Além dos seus feitos serem reconhecidos internacionalmente enquanto dirigente do movimento comunista, Luxemburgo é, ainda, uma renomada escritora e feminista.

Uma das frases mais célebres da autora é: *Por um mundo onde se-  
jamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.*  
Então, não foi ao acaso que a descrição da publicação da página “Femi-  
nismo Marxista” sugeriu que, no dia das crianças – data em que a publi-  
cação foi postada, 12 de outubro –, meninos leiam Rosa e meninas leiam  
Rosa.

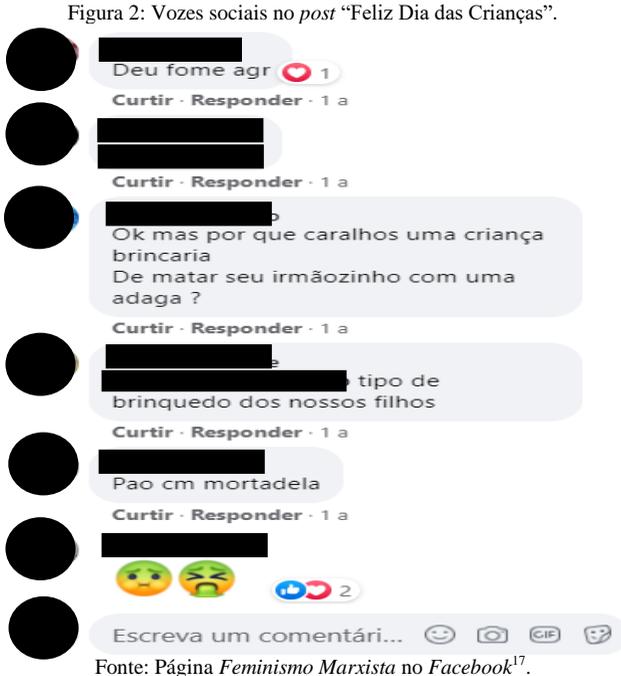
Essa menção à Rosa indicia mais um intertexto na descrição do  
*post*, no que concerne à supracitada autora. Nesse sentido, podemos clas-  
sificar essa menção tanto como *intertextualidade implícita* quanto como  
*intertextualidade explícita*. No primeiro caso, podemos assinalar que não  
há nenhum marcador que leve necessariamente à Rosa Luxemburgo, que  
faça menção explícita ao nome completo da autora – apesar da grafia  
com letra maiúscula, que sinaliza um substantivo próprio. Mas, em se-  
gunda medida, pode-se dizer que há uma *intertextualidade explícita*, ten-  
do em vista todo o contexto de o nome “Rosa” estar inserido na página  
intitulada “Feminismo Marxista”, por tratar da militância comunista, e  
por estar direcionada, de modo geral, a um público que possui proximida-  
de com essa autora. Logo, a inferência de “leitura e Rosa” pode levar o  
internauta a Rosa Luxemburgo com certa facilidade, a depender de seu  
conhecimento de mundo e das inferências que ele fizer a partir do conte-  
údo do *post*.

Para além do que já discutimos até aqui em relação ao *post* pre-  
sente na figura 1, precisamos considerar que, para o Círculo de Bakhtin,  
a enunciação é tomada sempre do ponto de vista dos elos entre falante e  
ouvinte, e este último, ao interagir com o enunciado do outro, incorpora  
uma posição responsiva axiologicamente acentuada em relação a este e-  
nunciado: um lócus de resposta, uma atitude-resposta carregada de juízos  
de valor a partir do(s) enunciado(s) do outro. Nas palavras de Bakhtin  
(2016),

[...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza  
ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso);  
toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera  
obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2016, p. 25)

Desse modo, nos interessa, também, analisar como os usuários do  
*Facebook* fazem uso dos comentários para se posicionar de alguma for-  
ma em face da publicação em questão, pois, através desse recurso, o su-  
jeito pode exercer seu papel de agente social e dialógico, axiologicamen-  
te respondendo à provocação posta(da). Tendo isso em vista, vejamos,

agora, a figura 2, a qual refere-se aos comentários do *post* que analisamos:



Em se tratando dos comentários da publicação, notamos que, no primeiro deles, há o enunciado verbal “*Deu fome agr*” [sic]. De início, considerando o conteúdo do *post*, ele parece não fazer sentido ou não estar ligado ao assunto, mas, se olharmos atentamente para o quinto comentário, no qual temos o enunciado “*Pao cm mortadela*” [sic], conseguimos *linkar* ambos os dizeres: a referência à comida está diretamente relacionada ao movimento comunista.

Acontece que, no cenário político polarizado entre direita e esquerda, duas expressões pejorativas são comumente utilizadas para sepa-

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/feminismomarxista/posts/2509175712660466/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

rar um grupo do outro, quais sejam: *coxinha* e *mortadela*. Assim sendo, como salienta Prado (2016), o termo “coxinha” é usado, geralmente, para caracterizar uma pessoa “certinha”, “arrumadinha” e, dentro do domínio político, “direitista”. As teorias sobre a origem desse termo se dividem em três: a primeira delas afirma que policiais militares (tomados como inimigos principais dos esquerdistas na ditadura) sempre costumavam manobrar e estacionar seus carros perto de locais que produziam e vendiam coxinhas; a segunda também está ligada a policiais militares e se apoia no fato de que esses profissionais, mal remunerados, recebiam uma espécie de vale alimentação suficiente apenas para comprar algumas coxinhas; já a terceira defende que homens ricos utilizavam bermudas mostrando as suas “coxinhas”.

O termo “mortadela”, por sua vez, de acordo com Prado (2016), utilizado no contexto político recente, se define como o contrário de “coxinha”, ou, trocando em miúdos, como o termo que as pessoas de direita fazem uso para definir pessoas de esquerda. A expressão, segundo o autor, está relacionada aos militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), os quais recebem lanches, que, na maior parte das vezes, é pão com mortadela. O termo, para ele, também está ligado às pessoas que recebem lanches apenas para fazer volume em manifestações favoráveis à causa esquerdista.

Isso posto, o comentário que verbaliza “*Pao cm mortadela*” [sic] indicia um sujeito que se apoia em um posicionamento político direitista para expor o seu ponto de vista, o qual revela uma apreciação valorativa contrária ao *post*, ao fazer uso de uma expressão pejorativa e recheada de tonalidades dialógicas que se apresentam como conflitantes no que se refere ao movimento comunista. Portanto, a expressão verbal pronunciada por esse usuário está a serviço de seu propósito comunicativo e de seu objetivo interacional, qual seja, contestar a discussão proposta pela página, haja vista que, ao que parece, para o comentarista, esse não é um conteúdo válido/interessante.

Mas, em contrapartida, já no comentário que verbaliza “*Deu fome agr*” [sic], o interessante a ser observado é que há uma referência a essa mesma expressão – “*Pao cm mortadela*” – [sic] carregada de ideologia e história contrárias ao posicionamento político e ao sentido original do *post* – que é abertamente esquerdista –, mas de forma reacentuada, de modo que ela é utilizada pelo rebatedor para ridicularizar a possível depreciação que poderia ser feita pelo uso do termo. O comentarista se atreve a dizer que está com fome, o que revela uma estratégia de descredi-

bilização da expressão, pois o sujeito utiliza uma mesma base (abstrações direitistas) para marcar seu posicionamento ideológico e sua atitude valorativa totalmente contrária a ela, utilizando uma forte carga humorística para isso.

Já no terceiro comentário<sup>18</sup>, nos deparamos com o seguinte enunciado verbal: “*Ok mas por que caralhos uma criança brincaria de matar seu irmãozinho com uma adaga?*” [sic]. Nesse caso, percebemos, apenas considerando o que foi dito, que o usuário em questão não conseguiu realizar a leitura intertextual do *post* e, por causa disso, não entendeu o objetivo interacional dos administradores da página. Isso fica evidente pelo fato de o sujeito não identificar que o objeto registrado na foto é uma foie (e não uma adaga, como ele pensou), além de ele não perceber, também, que a “brincadeira” proposta é a de lutar contra o capitalismo e não de matar outra criança.

Nesse ponto, no entanto, é importante reconhecermos que, como aponta o Círculo de Bakhtin, as interações comunicacionais estão ligadas à estrutura sociopolítica-ideológica dos sujeitos presentes nas cenas enunciativas para que ocorra uma atribuição de sentidos ao enunciado. Assim sendo, todo enunciado é ideológico, pois ele sempre se dá no campo de uma das ideologias e expressa uma posição valorativa, o que nos possibilita afirmar que não há enunciado neutro.

Isso posto, em situações como essa, em que a interação não se estende e não temos acesso direto ao sujeito, só podemos analisar o que é dito, e é por isso que estamos considerando esse comentário como um indício de uma não compreensão do *post*; todavia, como mostram Guerra, Pereira e Azevedo (2020), é muito comum que uma determinada figura de linguagem seja utilizada por administradores de página e comentaristas de *Facebook*: a ironia. Assim, há muitas possibilidades de interpretação desse dado, mas todas são bastante subjetivas e abstratas quando consideramos o acesso parco ao enunciadador em questão.

No quarto comentário, por sua vez, o enunciado verbal que encontramos é: “*tipos de brinquedo dos nossos filhos*”. Aqui, muito provavelmente, a internauta que marcou outro usuário do *Facebook*, alegando que os filhos deles brincariam daquele jeito, compreendeu o intuito da publicação e os diálogos suscitados tanto pelo nome da página em questão (“Feminismo Marxista”) quanto pela construção de sentido que é propi-

---

<sup>18</sup> Não nos detivemos ao segundo comentário porque não havia nada escrito lá além de um nome de um usuário do *Facebook*.

ciada pelo último enunciado da descrição da publicação, qual seja: “Feliz dia das crianças”. Além disso, é possível que ela tenha notado, na descrição do *post*, a subversão dos administradores da página ao sistema vigente, pois eles fazem uso de uma data comemorativa criada pelo sistema capitalista, a saber, o dia das crianças, a qual gera consumo, para provocar nos leitores/internautas, certamente, uma reflexão.

Isso posto, ainda que o usuário não tenha deixado explícito em nenhuma parte do comentário que coaduna daquela opinião, é possível inferir que ele concorda com tudo o que foi dito no *post* em questão, afinal, o fato de inserir mais uma pessoa no diálogo (ato feito através da marcação) e dizer que fará com que os filhos deles tenham aqueles tipos de brinquedo/brinquem daquela forma evidencia uma atitude responsiva e uma apreciação valorativa favorável à discussão. A situação poderia ser diferente, por exemplo, se esse mesmo usuário estivesse ironizando o conteúdo da postagem, pois o objetivo interacional, nesse caso, muito provavelmente, seria o de ridicularizar a comunidade.

Por fim, no sexto e último comentário, não encontramos enunciados verbais, mas sim os *emojis* “🤢🤮”. Esses *emojis* são “nauseado” e “vomitando”, respectivamente. Geralmente, em ambiente virtual, ambos significam algum tipo de desconforto físico, o qual gera a sensação de vômito, mas eles também são utilizados para indicar certo desconforto psicológico após experiências incômodas. Algumas pessoas fazem uso deles, ainda, para expressar emoções extremas, repulsa e náusea em relação a algo – a exemplo de um discurso ou de um fenômeno – ou a alguém.

Assim sendo, mesmo não expressando a sua atitude valorativa de forma grafada, a partir desse recurso multimodal ofertado pelo *Facebook* para que os indivíduos (inter)ajam na plataforma, percebemos que o usuário em questão parte de um posicionamento político-ideológico que vai de encontro ao movimento comunista, tendo, inclusive, asco dele. As escolhas imagéticas feitas pelo enunciadador revelam seu juízo de valor frente à temática abordada sem que ele precise utilizar palavras para isso.

Diante do exposto, em todos os comentários, percebemos que a representação da realidade dos sujeitos que se engajaram com o *post* foi realizada através de um contexto e também de um *lôcus* valorativo, ambos socio-historicamente marcados.

#### 4. Considerações finais

No *post* que analisamos, pudemos verificar como se dão alguns processos de intertextualidade nesse gênero discursivo digital, bem como seus tipos e, ainda, a posição sócio-histórica-ideológica (feminista marxista ou não) dos agentes envolvidos tanto na publicação quanto na interação com o *post*. Ratificamos, ainda, os profícuos diálogos com as distintas vozes sociais e os intertextos presentes nas interações. Além disso, pontuamos a importância da explanação da temática antissexista como potencializadora do avanço feminista em uma sociedade ainda patriarcal e tão desigual.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. *Feminismo para os 99%*: um manifesto. Trad. de Heci Regina Candiani. Prefácio à edição brasileira de Talíria Petrone. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. M. A intertextualidade em hipertextos: uma análise de tweets de cunho didático. *Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/32557>. Acesso em: 11 out. 2021.

ARAÚJO, J. C.; LOBO-SOUSA, A. C. Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. *Linguagem em (Dis)curso*, Santa Catarina, v. 9, 3. ed., p. 565-83, 6 set. 2009.

BAKHTIN, M. M. *Teoria do Romance I: A estilística*. 1. ed. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

ESTEFANÍA, J. *Rosa Luxemburgo: 100 anos do assassinato da revolucionária pacifista*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/11/cultura/1547209310\\_525215.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/11/cultura/1547209310_525215.html). Acesso em: 04 abr. 2020.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018. p. 161-193

GUERRA, F. S.; PEREIRA, M. H. M.; AZEVEDO, A. C. O. Um olhar para a militância no Facebook: a discursivização do(s) enunciado(s) (anti)feminista(s). In: Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia (*on-line*), 14, 2020, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 1-8. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/17743](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/17743). Acesso em: 1 out. 2021.

GONÇALVES, R. O pioneirismo de A mulher na sociedade de classes. In: SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 11-25

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de BhuviLibanio. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KOCH, I; BENTES, A; CAVALCANTE, M. *Intertextualidade: Diálogos Possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NOBRE, N. 2017. *Projeto criminaliza apologia ao comunismo*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/519165-projeto-criminaliza-apologia-ao-comunismo/> Acesso em: 07 out. 2021.

VALLIM, C. 2019. *Mas afinal, porque meninas usam rosa e meninos usam azul?*. Disponível em: <https://correionogueirense.com.br/mas-afinal-porque-meninas-usam-rosa-e-meninos-usam-azul-correio-nogueirense/> Acesso em: 04 abr. 2020.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A. C. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 207-20